

**Luciano Vinhosa Simão**  
Universidade Federal Fluminense

## Videoperformance: corpo em trânsito

A câmera super-8, nos anos 1960, e de vídeo, nos anos 1970, foram usadas por diversos artistas em um momento de consolidação da performance. Caso paradigmático vem a ser os 16 happenings em 6 partes, de Allan Kaprow que, apresentados pela primeira vez em 1959 na Galeria Reuben em Nova York puderam, a partir de certas prescrições do artista, ser reapresentados em várias ocasiões e, em algumas outras tantas, cinegrafados, videografados e fotografados visando a sua transmissão para a posteridade. Também são conhecidas as experimentações para super-8 que Bruce Nauman realizou em seu estúdio. Nesse caso, em que o artista encena direta e solitariamente para a câmera levando em conta o resultado de seu corpo em imagem a partir do enquadramento de uma câmera fixa, a série é composta por curtos registros realizados em único plano-sequência. No Brasil, temos conhecimento das performances de Letícia Parente pensadas exclusivamente para o diálogo direto e solitário com a câmera. Nelas, a artista pôde explorar o aspecto íntimo da imagem por meio da aproximação que a lente propicia. Em *Made in Brazil*, por exemplo, ao bordar na planta dos pés essa expressão, a artista põe em relevo certas ações mínimas, que de outro modo seriam invisíveis a olho nu. Em observação ao repertório histórico da performance, interessa-nos apresentar as ações pioneiras que recorreram às imagens em movimento para o seu registro. Pretende-se nuançar os usos da câmera, diferenciado as imagens meramente documentais daquelas outras que, permanecendo na matriz do documento, se apropriaram do dispositivo em sua forma para construir e estruturar conceitualmente a performance. A questão que se coloca preliminarmente é, mesmo no caso do mero registro, como o corpo performante, estando em representação e portanto sendo já uma imagem, se desdobra em uma outra passível de gerar uma experiência diferenciada?

---